

Deponente: Maria Dalce Ricas

Entrevistador: Emely Vieira Salazar, José Alexandre Salles, Lorena Martoni, Florencia Lorenzo

Data: 16 de maio de 2017

ENTREVISTADOR: Hoje, 16 de maio de 2017. A Comissão da Verdade de Minas Gerais está reunida para ouvir o depoimento de Maria Dalsi Ricas. A Maria Dalsi é economista de formação, mas na prática é uma ambientalista. Ela vai falar sobre o seu período de prisão, a tortura, tudo que ela passou que você acha relevante viu, Maria Dalsi?

MARIA DALSI: Ok.

ENTREVISTADOR: Bom dia, às ordens com a palavra.

MARIA DALSI: Bom dia, pra mim é um prazer estar aqui. Poder prestar este testemunho desse tempo da história. Eu começo dizendo algo que vocês já devem ter ouvido bastantes vezes aqui que é assim, eu era muito jovem, do interior. Cheia de ideais de justiça, de igualdade social e vim pra Belo Horizonte, ingressei na Faculdade de Direito da UFMG e muito rapidamente me inseri no movimento estudantil na época. Hoje olhando pra trás eu fico pensando assim, que realmente era muita ingenuidade nossa, enfrentar uma ditadura militar armada até os dentes e ir pra rua ter confronto com a Polícia. Mas naquele momento deve ter valido. Na Faculdade de Direito eu acabei me envolvendo não é? Mais profundamente ainda. Acabei virando, naquela época era, criou-se uma forma, elegeu-se um presidente do DCE da Federal e mais cinco vice-presidentes, porque um ia sendo preso, os outros iam assumindo. Então, eu era me parece, se não me falhe a memória, 2º ou 3º Vice-Presidente.

ENTREVISTADOR: A 3ª a ser presa.

MARIA DALSI: É aí o presidente era o Cícero Lourenço Mourão. Eu lembro direitinho. Ele foi preso, depois do primeiro. Eu sei que acabou que eu assumi a Presidência do DCE também. Foi nessa condição que eu acabei sendo presa. Antes de ser presa, alguns fatos já estavam assim, digamos, me fazendo levantar diversos questionamentos. A gente tinha contato com pessoas já mais adultas, né? Que eu prefiro até não mencionar o nome. E assim, hoje eu acho que a gente era meio usado como bucha de canhão, sabe? Ou seja, a gente, era, pediam pra gente fazer as coisas e não explicavam pra gente o quê que era, foi nessa circunstância inclusive que eu acabei sendo presa. E, além disso, o seguinte, sem absolutamente desmerecer o

movimento de resistência à ditadura militar, é claro, não me arrependo nem um pouco, se foi uma tragédia para esse país. O fato é que havia, eu não sei, acho que entre nós jovens, era muito, era realmente assim um ideal puro de justiça. Era uma visão quase romântica do que era uma mudança da sociedade. Agora eu acho que havia pessoas que não sei, não vou dizer que elas não partilhassem desse mesmo ideal. Mas eu não sei por que, acho que elas eram pouco ajuizadas. Por exemplo, a nós militantes extremamente jovens e tolos, nunca era falado com clareza o quê que poderia acontecer se a gente fosse preso. Aí eu me lembro de que um dia foi preso um cara lá na Argentina, me parece que ligado à CIA e não sei por que surgiu entre mim e outra, e uma pessoa, dessas pessoas que eram as dirigentes, uma conversa sobre tortura. E eu disse assim: “Tortura é inadmissível, não há nada no mundo que justifique a tortura.” Eu disse e continuei dizendo: “Não há nada que justifique a tortura.” Uma coisa é você matar por legítima defesa, agora você torturar premeditadamente, sentar uma pessoa numa cadeira, pegar uma pessoa e torturar, não há nada que justifique. E eu ouvi a seguinte resposta: “Mas às vezes é preciso de informação.” Eu fiquei muito assustada com aquilo sabe? Comecei a achar que tinha algum lugar baixo mais que o galo cantava e eu não estava percebendo. É... nos passavam teoricamente um risco de esquema de segurança que depois eu vi, quanto ingenuidade. Só ingenuidade e a gente ficava, tanto, tanta tolice sabe? Porque os militares se infiltravam entre os movimentos de esquerda e faziam o que queriam. Bem, quando foi no fatídico, né? 1º de maio de 1971, 71. É... nos... pediram pra gente fazer uma panfletagem, foi nessa circunstância que eu fui presa. É... como presidente do DCE eu já tinha ficado assustada com algumas coisas que eu vi. Eu vi, por exemplo, um dia, assim como hoje, naquela época ainda a taxa de, da carteirinha era compulsória, né? Esse dinheiro era, eles tiraram do DCE. Teoricamente ele deveria ser destinado a promover melhorias e destinadas aos estudantes. Eu vi pessoas ligadas a partidos políticos de esquerda tirar dinheiro do DCE, do partido. Eu fiquei muito assustada com aquilo. E também um belo dia, uma outra, o Miri me pediram pra fazer uma carteirinha de estudante para uma pessoa que não era universitária. E eu botei o retrato dentro da bolsa, que eu não queria fazer aquilo, eu sabia que não era honesto. E na ingenuidade da coisa, fui fazer a panfletagem com o retrato dele na bolsa. É, a panfletagem era o seguinte, acho que isso é importante relatar. Nos chamaram, nos entregaram um canudo de papelão, desses que enrola pano, sabe? Que é um papelão duro. Tinha uma, cortava um tamanho assim. Colocavam os panfletos enrolados dentro, na base,

colocavam uma outra, uma rodelinha de papel. E o esquema era o seguinte: era, pra misturar tinha uma capsulazinha que ocê misturava um ácido que reagia com um pó que eu não me lembro nem mais um nome. Tinha um efeito retardado, demorava um pouquinho para explodir. Era uma coisa muito pequena, claro. A pequena, a micro explosão gerava uma corrente de ar, você deixava esse carimbo em uma cesta de lixo. Saía, essa micro explosão retardada daí alguns minutos gerava uma corrente de ar e os panfletos soltavam. Teoricamente as pessoas pegariam esses panfletos. Foi na Avenida Paraná. Estávamos eu e o Tavinho, que na época que era estudante de física. E eu acho que característica feminina não é? Como toda mulher, eu falei: “Deixa que eu faço. Fica aí fora Tavinho.” Entrei em uma farmácia e fui fazer o negócio dentro do banheiro, eu nem sabia o que eu estava fazendo na verdade. Não deu outra, explodiu na minha mão. Eu não tive uma consequência, o máximo que eu tive foi uma marquinha tola aqui que não aconteceu nada. Nada, nada fisicamente, mas em alguns minutos, a cidade já estava patrulhada até nos subterrâneos, nos bueiros, já a Polícia estava lá e eu fui presa. Aí foi aquela fina, não é? Muita gente e eu meio atordoada, não é? O Tavinho infelizmente se mandou, nem sei se ele chegou a ser preso, tomara que não tenha sido. E aí começou, não é? O drama comum a todos os jovens que eram detidos, presos, né, pela Polícia. Então vou tentar relatar tudo que eu me lembro que aconteceu nesse período. Eu fui presa por uma viatura da Polícia Militar e fui levada diretamente para a Praça da Liberdade, num daqueles prédios históricos. Era, não sei se era, era alguma coisa da Policial Militar. Cheguei lá, me colocaram dentro da sala e eu me lembro direitinho, um oficial, acredito que era um oficial, falou pra mim assim: “É, minha filha, nós aqui da Policial Militar achamos que vocês são jovens que precisam muito mais de ajuda, oriunda de ambientes familiares desequilibrados. Mas infelizmente a Polícia Civil e o exército não pensam assim.” Daí alguns minutos, chegou um carro do DOPS, me colocaram dentro e me levaram lá pra Afonso Pena com Bernardo Monteiro e aí começou o espetáculo não é? De cara, já subindo as escadas, o famoso Pedro Ivo, que já deve ter sido mencionado aqui diversas vezes, começou a falar que eu tava drogada, que eu era maconheira e eu nem sabia o que era maconha na minha vida. Aliás, eu nunca fui adepta, nunca fumei. Era uma das táticas nele, né, desestabilizar emocionalmente e moralmente as pessoas que eram presas, né? Me levaram pra a sala do 3º andar, também que é famosa, cuja janela dá pra Avenida Bernardo Monteiro. Me mandaram tirar a roupa, ficar só de calcinha. Que ali eu tinha 20 anos na época, e logo a sala se encheu de outras pessoas e outros

homens, né? Parte pra torturar e parte pra apreciar o espetáculo. Inclusive da minha nudez, né? Nunca fui nenhuma miss mas também não era, tinha um, é, tinha um físico razoável, né? E aí a primeira coisa que aconteceu, além dos insultos, é que o Marcelo, Tenente Marcelo Paixão de Araújo que era do exército, felizmente já morreu, morreu velho, infelizmente, o mundo não perdeu nada. Me deu um soco no estômago. Pode parecer tolo, mas ele tinha quase dois metros, cê lembra, né? Então assim, um soco no estômago de um homem, de uma pessoa que é baixinha mais ou menos como eu sou, realmente assim, faz um estrago. E aí me mandaram, me obrigaram a sentar numa... Não, tanto, também nesse caso a ordem desses fatores não vai alterar muito o produto não. Começaram a enrolar aquele famoso fio, não é? Que era, todo mundo conhecia, no dedo mínimo da mão e no dedo mínimo do pé e começaram a me dar choque. Molhava o chão, pros choques serem mais eficientes e queria informação: “Conta quem que você conhece. Nós queremos nomes, etc, etc.” Depois, mandaram, me mandaram, me obrigaram a sentar numa cadeira de ferro e passaram pro choque elétrico na cabeça. Eles colocam um anel de ferro, molham o cabelo, né, e começam a te dar choque na cabeça. Não dá muito pra explicar não, mas cês imaginam uma corrente elétrica passando na sua cabeça, nos seus dentes. Não era nada agradável. Isso foi acontecendo durante a noite. Quando foi lá, aí, aí nesse momento, os maiores atores eram o Rodrigo Dolabela e Del Meneses, ambos oficiais do exército. Depois eu conto as coisas que eu sei deles. E aí lá pela madrugada, a minha, eu já tinha tomado tanto choque na perna direita, que eu tava tendo dificuldades de levantar. Aí chamaram aquele famoso médico, como é que ele chama? Lá da medicina?

ENTREVISTADOR: Eu sei.

MARIA DALSI: Jean Paul. Jean Paul. Chamaram o Jean Paul. Olha as ironias da coisa. Parece brincadeira. Chamaram o Jean Paul pra me dar assistência médica. O Jean Paul falou tipo assim. Eu deduzi que ele falou que era perigoso continuar dando choque na perna porque tinha um detalhe que é importante lembrar. Naquela época pela minha leitura, principalmente em Minas, aqui a desgraça tem graduação, vocês podem ter certeza. Principalmente em Minas, você tinha aquelas que eram presos pra morrer, se sobrevivesse era sorte. Então assim, eles não tinham nenhum cuidado, era pontapé, era o capeta, não tinha nada. Eu lembro que eles chegaram, quando eles prenderam um monte de jovens tolos que foram assaltar o banco, o Augusto. O Augusto foi baleado no ouvido direito, me parece, ele ficou dias (trecho incompreensível). Eles batiam nele mesmo com a bala no ombro. Então, mas eu era

peixinho, eu não tinha roubado, não tinha matado, não tinha feito nada, era boba. Então assim, como eu era peixinho, não era pra morrer, então a Polícia tinha cuidado pra não matar. Aí por exemplo, antes de me colocar no pau de arara. Pau de arara precisa descrever o que que é? Acho que não, né? Pau de arara, eles enfaixavam as mãos, enfaixaram as pernas pra não deixar marca. Então quando o Jean Paul disse que, deduzindo eu, que seria melhor não dar continuidade aos choques elétricos, e recomendou que eu ficasse com a perna assim. Aí tava eu sentada na cadeira o Del Meneses na outra, o Rodrigo Dolabela na outra e eu com medo, que eu já tinha percebido que a situação podia piorar, de deixar a perna assim, eu botava a perna pra baixo. “Sua filha da puta, bota a perna pra cima que o médico mandou.”

ENTREVISTADOR: Recomendação médica.

MARIA DALSI: Ô gente, parece, parece coisa de, é filme de terror mesmo. E aí eles continuaram o interrogatório com o choque elétrico. Em dado momento, eles foram um pouco mais refinados. Pegaram um revólver, colocaram na minha cabeça e colocaram a apertar o gatilho. Racionalmente...

MARIA DALSI: ... que você pensa, não é possível, mas emocionalmente você não sabe, e se tiver uma bala? Mas o quê que cê pode fazer? Aí foram apertando, apertando, até girar o tambor todo e rindo, claro, né. Não tinha bala. Aí quando foi lá e o tempo todo o terror pelo terror: “Você vai ficar é 15 anos na cadeia. Você vai ficar 20 anos na cadeia.” Bem, eu era ingênua, mas não tão burra. Eu pensava, eu não acredito que eu vou ficar 15 anos na cadeia, eu não fiz nada, pô. Eu não matei, não roubei, nem dilapidei patrimônio público, nem dilapidei patrimônio particular, não fiz nada que pudesse justificar uma prisão tão longa. Mas é claro que eu me valia também de ingênua porque eu precisava ao máximo evitar falar qualquer coisa. Ao final, quer dizer, depois de uma noite de terror, teve outras mas assim, essa é que a foi a mais braba realmente. É, eles acharam naturalmente essa foto que eu falei no início, dessa pessoa na minha bolsa, claro, prenderam o cara rapidamente. Assim, eu não tenho nenhuma culpa porque eu acho que a culpa foi da ingenuidade ou da displicência de quem nos mandava pra rua fazer manifestação. É... e havia outra pessoa, uma outra pessoa que eu sabia que estava viajando e que eu pensei assim, na minha ingenuidade eu pensei: “Bem, como o esquema de segurança deles é tão, é tão bom, nesse momento já todo mundo foi avisado que eu fui presa, então ninguém tá lá.” Então eu falei o endereço dele porque eu precisava falar alguma coisa pra parar de apanhar. Não parou não, mas eu falei. Essa pessoa também foi presa. Fora isso,

eu podia falar muitas coisas, porque o esquema de segurança era meio que brincadeira, sabe? E tinha um detalhe, que também já deve ter sido repetido nesses diversos testemunhos, né, dessa história da verdade que é o seguinte, cê tem que ter muito cuidado com o que você fala, porque uma das táticas do interrogatório é sempre testar se você não vai ser incoerente. Então você fala uma coisa hoje, daí uma semana eles te pedem para falar de novo, se cê erra, cê tá ferrado de novo, né? Aí me levaram lá pra 1º andar do DOPS e me colocaram lá numa cela, eu tava sozinha nesse momento. É, prisão é uma coisa difícil de as pessoas imaginarem, né? Ainda mais naquela época que a questão dos direitos humanos no país era totalmente incipiente ainda, né? Não era realmente uma coisa que tivesse sido fortalecida como é hoje. Lá eu fiquei e depois de alguns dias, não sei se é importante esse testemunho, quando foi presa a Judite Malina.

ENTREVISTADOR: Malina?

MARIA DALSI: Daí uns dias foi presa a Judite Malina e o Julian Beck que eram dois teatrólogos famosos americanos, muito, doidão, doidão, os dois.

ENTREVISTADOR: Em Ouro Preto, né?

MARIA DALSI: Eles e alguns presos, É. Eles tavam em Ouro Preto, dizem que a Polícia forjou lá uma, uma, um encontro de drogas, provavelmente, provavelmente, né, a Polícia e o conservadorismo mineiro estavam incomodados com as coisas que andavam falando e fazendo em Ouro Preto, né? Quer eles eram muito loucão. Prenderam a Judite Malina e o Julian Beck e levaram lá pra cadeia, pra cela. E eu me lembro que, aí eles ficaram desesperados e era um tal de: “Liga pro Jean Paul Sartre, liga para Simone Beauvoir.”, eu ficava impressionada, né? Era importante e eu me lembro que, pode parecer tolo, mas tem, mesmo a tragédia tem o seu lado cômico, né? E tinha muita pulga na cela, era um inferno. E a Judite Malina ficava assim: “Calomba, calomba.”, coitada, “Calomba.” É. Depois de algum tempo, né, eles foram, eu acho que eles até não foram torturados não porque acho que a Polícia não ousou sabe? Não teve coragem de promover torturas com pessoas internacionalmente famosas. Depois de algum tempo, eles conseguiram, né, ser libertados e foram embora do país. Isso foi em maio. Quando foi no final do ano, é, é nesse intervalo, assim, tinha assim, como eu falei, eles repetiam o interrogatório e insultavam a gente, né? Tipo assim: “Vagabunda, prostituta, tipo assim, o que eles podiam fazer pra tentar te debilitar moralmente, eles faziam. Ah, e tem um detalhe, né? Claro. A tortura e a digamos assim, essa degradação que eles tentavam promover na gente moral e

emocionalmente, elas tinham objetivo tanto de saber nomes quanto de te convencer a ir pra televisão falar: “Não fui torturada não, maravilha, sabe”? Eu fui bem tratada.”, e eles insistiam nisso e falavam assim: “Olha, se você concordar com isso, em uma semana você tá solta, porque você vai ficar no mínimo 15 anos de cadeia.” É claro que eu não concordei, sabe? Era melhor ficar 15 anos na cadeia do que você passar a degradação de ir pra televisão falar uma mentira dessa. Mas eu, não concordei. Agora muitas coisas que muito me surpreendeu que sinceramente, é, adiantando um pouquinho o tempo do meu depoimento. Me fez arriar a bandeira político-partidária e passar pra luta ambiental foi esse tipo de coisa. Como eu falei no início, os dirigentes esquerdistas que ficavam escondidos em algum lugar, não sei onde, né? E recrutavam jovens, ALN, PC do B e outros aí, chamavam os jovens e botavam metralhadora na mão de pessoas de 18, 20 anos, sem qualquer treinamento militar, sem qualquer condição emocional pra assaltar o banco. Fizeram isso com uma turma e eu lembro de um deles. Eu não tenho certeza do nome, me parece que é Ilton. Um rapaz que era até um pouco mais novo que eu, acho que ele tinha 19 anos. Gente, mas esse rapaz, ele foi tão torturado, tão torturado, mas assim, o que eu passei perto dele era fichinha de tão torturado que ele foi. Junto com a tortura, depois do período inicial, a noiva, a família começaram a pressionar pra ele aceitar, aceitar ir pra televisão, e ele acabou cedendo. Ele, pensa bem, ele tinha 19 anos, ele era quase criança. Aí virou, ele virou traidor. Eu fiquei impressionada com aquilo. Quem é que imaginava o quê que o cara passou? Gente, o que aquele, o que os militares faziam, hoje ainda tem uns idiotas, infantis, ou uns reça, uns direitão que ainda ficam falando pra trazer o Bolsonaro, intervenção dos militares, não sabem o quê que significa uma ditadura militar, sabe? Aliás ditadura por princípio é ditadura, doméstica, de qualquer coisa é ditadura, de esquerda, de direita, é ditadura. É, voltando. Aí no final do ano foi preso uma porção de gente da APIP. Ana Lúcia, Sávio, ah eu queria lembrar, não sei se você se lembra, que tinha, tem uma nenenzinha.

ENTREVISTADOR: Tinha uma menina?

MARIA DALSI: É, tinha uma menininha. Essa coisa me impressionou muito também?

ENTREVISTADOR: Não era Gilce não?

MARIA DALSI: Ahn?

ENTREVISTADOR: Gilce tinha filho.

MARIA DALSI: Não, não é Gilce não, a Gilce era mais velha, ela era do meu tempo não. É, essa moça não era daqui não. Mas duas coisas me marcaram, aliás, mentira.

Algumas coisas me marcaram com essa leva de presos políticos. Não, deixa, não, vale a pena voltar um pouco antes disso porque o seguinte, como eu falei, direitos humanos no Brasil ainda era uma quimera naquela época. Mas nós presos políticos, por mais que sofrêssemos minha análise tá, gente? Tínhamos certa estrutura emocional. Tínhamos uma família minimamente constituída, apesar de que (trecho incompreensível) não era tal equilibrada, mas minimamente constituída e tudo. Agora os presos comuns, o quê que é aquilo? O quê que é aquilo? Nunca esqueço um dia que um carcereiro, chegou rindo, falou assim: “Ó, se vocês não quiserem ouvir, vocês tampem o ouvido.” Era no tempo.

ENTREVISTADOR: Aí no DOPS?

MARIA DALSI: No DOPS. No tempo ele chegou com uma garota de 17, 17 anos, 17 anos. Gente, eu juro procês. Ela tinha daqui até aqui, ela tinha todas as cores que vocês pensarem. Desde negro, vermelho, roxo de tanta borrachada que a moça levou. E sabem por quê? Porque ela trabalhava na casa de um coronel e o coronel achou que ela tava roubando coisas dele e ele se julgou no direito de prender a garota e levar pra DOPS e descer o cacete na menina. Coitadinha, nunca esqueço. Aí chegaram rindo, perguntaram se ela não podia tomar banho na nossa cela. Nossa gente. Depois jogaram a coitada na rua. É, aí quando chegou esse pessoal da AP eu lembro que a Ana Alice me perguntou, ela perguntou como é que tinha sido tudo. Falou assim: “Dalsi, assim, lá fora disseram que você entregou o nome de um monte de gente, inclusive freiras e padres.”, Eu falei: “Como Ana Lúcia?”. Ela falou: “Pois é, o que estão falando.” Eu fiquei muito revoltada, muito revoltada, quer dizer, você é torturada, você faz de tudo pra você ser coerente, ninguém imagina o quê que você tá, igual eu tava, caída no chão, com oito homens em volta de mim e depois vem um tipo de comentário desse. Como eu falei isso foi decisivo para que eu arriasse de vez a bandeira partidária e tentar dar minha contribuição pra melhorar o mundo em outra área. E junto com essas, com essa leva, tinha uma moça que eu não me lembro do nome, que tinha uma garotinha de 01 ano e 08 meses. E a menina eles apreenderam, não levaram a menina pra cela e a menininha, levaram a menininha pro internato, internato não, desculpa, orfanato. Orfanato. Aí quando eles levaram a menininha lá, eu não sei se era pra ela ver ou se era pra fazer terrorismo, a menininha ficava muito apavorada. A criança, apesar de tão novinha, ela percebia aquela, como disse, os místicos, aquela energia negativa que tinha lá dentro do DOPS. Aí depois começou uma pressão para que ela, aí, ah não. Aí o juiz de, que chamava juiz de menor, não sei

se ainda chama assim. Foi lá no internato fazer visita rotineira, acredito, e percebeu que a criança não era uma criança de internato, de orfanato, era uma criança diferente, parece que a menina se afastou, chegou perto dele. E o cara ficou doido pra pegar a menina pra ele. Eles fizeram tudo pra obrigar a mãe a passar a guarda pra ele, mas ela não aceitou, ela não deu de jeito nenhum a menina. Em que pese as boas intenções do juiz, mas realmente a filha era dela. Depois de um tempo ela acabou sendo solta e o pessoal da AP também era barra leve. Era mais assim conscientização, panfletagem, essas coisas, e ela foi embora com a mãe. É então tínhamos eu, Efigênia, Rosa, Emeli, Neusa, Vera e eu ficava muito impressionada com as histórias de todo mundo. Ficava impressionada com a Emily, a Emily era enfermeira e ela dava lá uma força pra todo mundo. Eu lembro que a Rosa talvez até por questões emocionais ela tinha espinhas enormes. A Emily tinha uma paciência pra ficar lá cuidando da espinha da Rosa e eu ficava só olhando de longe assim. E um dia, não sei se a Emily lembra isso também. Chegou na cela uma moça lá de Piracicaba. Também eu tô falando de novo a questão, como é que a dos presos comuns e a paranoia que tomou conta desse país sabem? A paranoia junto com a prepotência, o autoritarismo e o desrespeito total a qualquer tipo de lei, a qualquer tipo de direitos humanos. Essa moça, ela tava, ela largou a família em Piracicaba e foi, tava viajando aí com um cara aí, viajando assim, tipo assim, podés crer, tudo, vamos conhecer o mundo. E ela foi a Pium-í perto do Parque Nacional da Serra da Canastra. E chegou lá, ela foi à prefeitura e pediu um mapa da prefeitura, foi presa. Tem que rir porque só mesmo na ditadura militar. Ela foi presa e mandada pro DOPS porque ela era um tipo de possível subversiva naquele tempo a palavra terrorismo não era muito usada. Queria o mapa da cidade e devia ser pra detonar alguma coisa, né? Matar o prefeito sei lá, não é? Coitada a moça. Aí ela chegou ainda no DOPS, eu lembro que o cabelo dela era assim, tipo assim, parecia arame assim, um cabelo vermelho, aí eu lembro direitinho. A Emily descobriu, a Emily falou assim: “Ham, é piolho.” Aí ela sentou no corredor lá fora do DOPS, a Emily começou a cortar o cabelo dela, ia caindo tanto piolho que você fazia uma roda de piolho assim. E a Emily tirou um bicho do dedo dela aqui que ficou uma cratera assim. Aí depois de uns 15 dias eles viram que realmente assim era perder tempo e mandaram ela embora também, devolveram ela pra a família de Piracicaba. Mas são fatos assim que marcou, né, marcaram as nossas lembranças na cadeia. E uma outra coisa que o seguinte, no meu caso, eu era levada pra Juiz de Fora, pra Penitenciária de Linhares. Depois alguém falava alguma coisa,

trazia de novo pra Belo Horizonte. Então assim, eu fiquei conhecendo essa rodovia assim como a palma da mão. Acho que eu fui, juro procê. Acho que eu fui umas 14 vezes pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. E lá na Penitenciária de Linhares em Linhares, nós éramos minoria. Lá a ala masculina tinha um monte de gente, inclusive pessoas conhecidas hoje como Fernando Pimentel, Márcio Lacerda. É...

MARIA DALSI: Depois de um ano e um mês eu acabei sendo solta por aquele, nem lembro, que eu sei que tinha que assinar o ponto lá no DOPS três vezes por semana. Isso foi, eu fui solta em junho, julho, um ano e dois meses depois. Quando foi em fevereiro, pro meu terror, chegou uma equipe de policiais onde eu estava e falaram: “Você tem que nos acompanhar.” Eu lembro que era muito cedinho, era tipo o dia amanhecendo, parece que é prática da Polícia. É me mandaram entrar no camburão, né, na viatura. Me sentaram, me mandaram sentar lá atrás, me puseram lá atrás não. Falaram assim: “Você vai pro Rio com a gente.” Quando falava na PE do Rio, na Polícia Especial do Rio, que era a Polícia do Exército, ou o DOI-COD era o mesmo que falar assim 10 capetas juntos, porque era o terror. Lá, lá é que realmente os porões da ditadura, acho que nem daqui a 100 anos vão acabar o sangue que se tiver assombração, se tiver energia negativa, eu acho que nunca vai acabar. Vai ser igual Ouro Preto no tempo dos escravos porque lá o horror realmente foi, por incrível que pareça, Minas Gerais foi fichinha perto do que eles fizeram lá na UBAM do Rio na PE. E me levaram pra lá pra prestar o mesmo depoimento. Lá eles usavam uma tática diferente que não era a tortura direta comigo, né? Pelo menos assim não. Lembrando sempre que eu não era uma pessoa pra morrer. Eu era peixinho, porque se fosse pra morrer, não tinha qualquer tipo de complacência. Me botaram em uma famosa sala que tinha lá, que era uma sala o seguinte, primeiro eles assim, eles, a sala completamente fechada, eles desligavam o ar-condicionado e quando você começava quase a sufocar, eles ligavam. Aí levavam o ar-condicionado assim, a tipo assim, a 08 graus, começavam a tilintar de frio, eles esquentavam de novo. Depois de uma noite, nisso se você não sair de lá naturalmente com pneumonia ou outras coisas mais. Não deu outra né? Aí depois disso aí me levaram pra uma cela lá em cima. Eu me lembro, né? Como eu falei, toda situação tem seus diversos lados. Os rapazes que estavam prestando serviço, militar, assim a maior parte dele era assim, a gentileza em pessoa. Eles ficavam preocupadíssimos, só tinha eu lá. Levavam maçã pra mim, sabe? E não tinha lugar pra tomar banho não, só tinha uma torneirinha. Eu lembro que eles falavam assim, eles seguravam assim: “Pode tomar banho que nós vamos segurar pra você

aqui o lençol.” Então são coisas pra mostrar que mesmo nos porões da ditadura tinha gente de bom coração, convivendo com aqueles doidos, aqueles neurótico, maluco, paranoico que eram os militares, os militares, torturadores e comandantes. Depois de uma semana me trouxeram de volta. Eu trouxe além do terror, da experiência, uma baita, quase ameaça de pneumonia e depois, passou. Depois de algum tempo, os detalhes vão sumindo da memória da gente. Afinal já são praticamente 40 anos. Nós fomos julgados em Juiz de Fora por um tribunal militar e o detalhe que eu mais acho interessante desse, que tinha um advogado que inclusive era muito criticado pela esquerda, mas era um advogado de ofício, não me lembro o nome dele, você lembra? E ele me falou, ele falou uma coisa muito interessante, defendendo a gente. Era eu mais sei lá, umas três ou quatro pessoas. Ele falou assim, tipo assim, claro que eu não se foram com essas palavras. Mas tipo assim, como se ele fosse julgado: “Esse julgamento aqui não tem qualquer sentido, é um julgamento ridículo. Vocês estão julgando rapazes e moças de 18 a 20 anos, são fedelhos. Um exército armado até os dentes se sentir ameaçado por esse tipo de pessoas, por essas pessoas. Isso é ridículo.”, eu lembro dele falando isso, sabe? Mas aí eu fui condenada, já tinha cumprido, fui condenada a um ano de prisão por filiação partidária, me acusaram de pertencer ao PC do B. Eu fui condenada a um ano, já tinha cumprido, então acabou que eu não fui presa novamente. E eu queria voltar atrás, mas um detalhe dos tempos de prisão, que eu também vi uma coisa que me marcou. Um belo dia também lá na cela do DOPS, chegou uma moça chamada Jussara. Ela era procurada no país inteiro pelos militares e ela parece que ela, não tenho certeza, ela tinha vindo de algum lugar onde ela já tinha sido super torturada. Porque tem uma coisa que eles faziam muito com a gente também, fizeram comigo, é telefone. Também já dever ter visto isso muitas vezes, pessoas já testemunharam o quê que é isso aqui. Ela levou tanto telefone, eu levei poucos, que ela perdeu a audição, sabe? Mas como ela era de família muito rica e poderosa no Espírito Santo, eles conseguiram que ela fosse entregue a eles com a promessa de que ela ia embora. No mesmo dia ela foi pro aeroporto da Pampulha, São Paulo e Paris. Depois, mais tarde eu a vi lá no Espírito Santo. A outra coisa também que eu acho que é importante relatar, não sei também se outros depoimentos já devem ter dito, é que na noite, na primeira noite de terror que eu passei no DOPS, uma das coisas que eles fizeram também, eles colocavam a gente deitado numa mesa, amarrava a corda nos dois pés, nos braços e ia esticando pra cada lado, sabe? Não sei como é que chama essa tortura. E como eu disse, e sem

(trecho incompreensível), a desgraça tem graduação, gente. Eu lembro que em determinado momento, alguém nossa, isso eu não gosto nem de lembrar. Esse realmente assim assusta, tinha que dar choque na vagina. Aí o outro falou assim: “Não, não faz isso com ela não.” Não sei quem foi, mas assim no silêncio eu sou grata a esse militar, esse militar sei lá, civil sei lá que falou e não permitiu que isso acontecesse. É voltando então. Depois disso, depois desse julgamento, depois da liberdade e tudo, a única coisa que eu acho que é interessante frisar é que depois eu fui descobrir que até 1900, me parece 98. A antiga ABIN monitorava a minha vida. Sabe? Eles acompanhavam todos os meus passos. E depois, e depois que eu, aí eu fui expulsa, né, naturalmente da universidade pelo famigerado, combate ao famigerado Decreto 477 que significa uma expulsão sumária, sem direito a defesa, sem nada. E depois de 05 anos que eu estava solta, que eu tinha sido solta, começou o processo de abertura. Houve mais liberdade e é claro, tinha muita gente calada nessa sociedade que só esperava o momento pra que ela realmente externasse, né, a sua revolta. E na Universidade não deu outra coisa, tinha muita gente na universidade apavorada com aquela situação. E eu fui convidada a voltar pra Universidade, né, sem vestibular, sem nada, que era muito lógico. E aí eu, eu tinha vergonha de voltar à faculdade de Direito, uma vergonha tola, hoje eu vejo, mas infelizmente era verdade. Acabou que fiz opção pra passar pra ciências econômicas. Que realmente não era a minha área e nas ciências econômicas é que já um pouco mais estruturada, né? Porque durante um ano, dois anos, e todas as noites eu sonhava que eu tava sendo presa, todas as noites, eu sonhava que tava sendo torturada, era realmente um foda, como se diz, dose. Mas aí eu já mais estruturada resolvi falar assim: Bem, eu não nasci pra ser omissa, alguma coisa tenho que fazer. Aí por algum motivo, meio ambiente. Aí resolvi levar a ideia pra faculdade. Nos juntamos a diversos colegas da Faculdade de Ciências Econômicas e da Faculdade de Ciências Biológicas e criamos a Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente, a AMDA da qual eu sou militante até hoje. Me lembro, o movimento estudantil ainda existia, tava em plena efervescência, não com aquela mesma violência que tinha na, no início da década de 70, mas ainda tinha, né? Tinha medo da Polícia. Os nossos colegas, amigos, né? Ficavam rindo da gente, achavam graça, mas davam o maior apoio. Fundamos a AMDA e uma coisa muito interessante que eu acho que, né, Que teve a ver na fundação da AMDA com toda essa experiência, esse conhecimento adquirido, essa consciência política foi que o seguinte, que o nosso parâmetro pra fundação da AMDA

foi o seguinte: você não pode separar a questão ambiental das questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Senão você vai só ver o verde pelo verde, você vai excluir o ser humano e você não vai conseguir ter êxito na sua luta. Então esse foi o diferencial. Eu acho que da AMDA talvez foi a primeira ou a segunda entidade no país que teve essa visão. Hoje aparece tudo, hoje ninguém, todo mundo sabe que não tem como isolar as questões, mas naquele tempo, foi certa ousadia, e como eu fui muito condutora do processo, eu acho que essa experiência toda que eu tive, vamos chamar de experiência, né, pra não chamar de tragédia, eu acho que ela teve interferência na fundação da AMDA, entidade que eu milito até hoje; e que no início ainda me gerou algumas, alguns conflitos com a Polícia. A Policial Militar nos monitorava diretamente. Uma vez a Polícia Federal invadiu nossa sede, porque tava procurando panfletos subversivos daqui do pessoal que atuava no Barreiro e queriam me levar presa, mas tinha uma advogada que era militante da AMDA, voluntária e ela era muito brava. Ela chegou, (trecho incompreensível) “Mas cês não leva, não leva.”, chamamos o Jornal Estado de Minas, acabaram que eles concordaram em não me levar presa, revistaram a sede e foram embora. Acho que já falei muito. Depois teve a Comissão de Anistia, mas.

ELI VIEIRA SALAZAR: Eu posso só pedir licença? Pra acrescentar, aqui é Eli Vieira Salazar, membro da comissão da verdade em Minas Gerais. Ela fez a abertura, eu queria acrescentar que estão presentes também aí o José Alexandre Sales de Souza, assessor da comissão e duas pesquisadoras que são a Lorena Marcone que é doutoranda e a Florência Lorenzo que estuda, outra pesquisadora, que tem a pesquisa de iniciação científica da comissão da verdade. Eu gostaria, a gente sempre agradece, mas antes disso, eu queria que a gente pudesse fazer umas perguntas e eu queria, tem várias perguntas. Nós somos da Subcomissão II, que trata dos fatos né (trecho incompreensível) que relacionados com a tortura no período.

INTERLOCUTOR: Presos em Minas Gerais.

ELI VIEIRA SALAZAR: É, no período de 64 a 88 né?

MARIA DALSI: Aham.

ELI VIEIRA SALAZAR: E tudo a gente teve acesso ao seu processo no CONED, né? E Sevit que é um processo administrativo. Então eu queria encaminhar umas questões. Primeira coisa, no seu IPM tem o Carlos Della Monica.

MARIA DALSI: Sim.

ELI VIEIRA SALAZAR: Ele, cê sabe se ele foi preso aqui em Belo Horizonte, chegou a ser preso em Belo Horizonte em algum momento? Ou foi...

MARIA DALSI: Cê sabe que eu não sei se o Della Monica foi preso em Minas. Eu sei que ele foi preso, sofreu muito também. Até encontrei com uma pessoa que conhecia ele na semana passada. Não sei se ele foi preso aqui porque eu perdi completamente o contato com ele.

ELI VIEIRA SALAZAR: Sim, mas na época então você não se lembra disso né?

MARIA DALSI: De onde ele foi preso não. Mas eu lembro que nós éramos militantes juntos.

ELI VIEIRA SALAZAR: Sim. Agora tem uma outra questão que é o seguinte, eu busquei um contato com o Tito Guimarães.

MARIA DALSI: Tito.

ELI VIEIRA SALAZAR: Né?

MARIA DALSI: Um dos Tito Guimarães Filho, aham.

ELI VIEIRA SALAZAR: Que tem uma experiência relatada no livro, no Diário da Judite Malina, né? E ela faz uma alusão, ele fala de um relato dela e esse Diário da Judite Malina, ele foi, tem um livro, foi feito pela Secretaria de Cultura e lá foi o meu acesso a essa história da Judite e ela conta como um caso de Romeu e Julieta, narra isso.

MARIA DALSI: Super romanceado.

ELI VIEIRA SALAZAR: Isso é só pra introduzir uma questão que é o seguinte: eu participo de outras subcomissões que é a subcomissão que trata da censura aos meios de comunicação, né? A censura aos intérpretes, aos compositores, aos artistas de um modo geral, é. E tem uma colega que encaminhou uma pergunta com base nesse livro publicado pela Secretaria de Cultura, recentemente, não sei se cê tem, você teve acesso.

MARIA DALSI: Não, tô até curiosa.

ELI VIEIRA SALAZAR: Esse diário, é o diário da Judite Malina e como cê falou anteriormente, cê teve um contato com a Judite.

MARIA DALSI: Sim.

ELI VIEIRA SALAZAR: Pra nós é interessante saber o seguinte, na época o Paulo Narciso que era o jornalista do Estado de Minas, não sabe se cê se recorda dessa pessoa, desse nome, foi quem cobriu pelo Estado de Minas a prisão do (trecho incompreensível), né? E lá cê sabe se, primeiro se esses escritos foram publicados em

forma de crônica, né, comum no Estado de Minas, e desse o livro, se eles, se a Judite consentiu. Se você sabe alguma coisa a respeito disso?

MARIA DALSI: Não, eu não sei esse tipo de detalhe, não.

ELI VIEIRA SALAZAR: Não?

MARIA DALSI: Não.

ELI VIEIRA SALAZAR: E outra questão.

ELI VIEIRA SALAZAR: É, se nesse processo de elaboração desses escritos, se teve algum direcionamento por parte do jornal. Se teve algum momento, cê ouviu ela dizer se tinha algum, algum direcionamento no sentido de alguns temas que deveriam ser evitados. Se você sabe se teve algum trecho que foi censurado.

MARIA DALSI: Olha, a Judite Malina além dela ter ficado poucos dias, ela não con..., ela na verdade, ela ficou um mês, mais de um mês, ela não conversava com a gente sobre isso. E eu tava presa, eu não tinha acesso também a essas, esses escritos do Estado de Minas.

ELI VIEIRA SALAZAR: É, agora recapitulando aqui uma questão, na sua declaração junto ao CONED, a sua prisão se deu em 1971?

MARIA DALSI: Isso, maio de 1971, 1º de maio.

ELI VIEIRA SALAZAR: Isso. É outra coisa são os nomes que durante o seu depoimento, você fez referência. Tavinho, cê tem o nome, sabe o nome dele, assim?

MARIA DALSI: Não sei.

ELI VIEIRA SALAZAR: (trecho incompreensível) Outra questão, o prédio da praça, na Praça da Liberdade não seria a secretaria, onde era a secretaria de segurança?

MARIA DALSI: Pode ser.

ELI VIEIRA SALAZAR: Você tem alguma lembrança, onde hoje é?

MARIA DALSI: Pode ser, é aquele que faz esquina da, com Avenida Brasil.

ELI VIEIRA SALAZAR: CCDB hoje?

MARIA DALSI: É, eu acho que é quando...

ELI VIEIRA SALAZAR: Ao lado do Niemeyer, do prédio do Niemeyer?

MARIA DALSI: É, é, quando você está descendo a Avenida Brasil em direção à Praça Tiradentes e ele fica à esquerda na esquina.

ELI VIEIRA SALAZAR: E você se lembra se cê foi levada pra aquela parte debaixo onde vamos dizer que eles chamam os porões?

MARIA DALSI: Não, não, não.

ELI VIEIRA SALAZAR: Não?

MARIA DALSI: Fui levada direto, digamos assim, pra, pro escritório. Eu fiquei lá, eu fiquei lá, acho que eu não fiquei, juro, 10 minutos só. A Polícia Civil se movia em uma rapidez que acho que até voaram.

ELI VIEIRA SALAZAR: Sim.

MARIA DALSI: Pra me levar pra o DOPS.

ELI VIEIRA SALAZAR: É, outro, um outro momento cê fez referência a um, citou o nome de Augusto?

MARIA DALSI: Augusto, é.

ELI VIEIRA SALAZAR: Você sabe o sobrenome?

MARIA DALSI: Também não.

ELI VIEIRA SALAZAR: Não?

MARIA DALSI: Assim porque, o contato era muito pequeno, né?

ELI VIEIRA SALAZAR: Esse era um codinome será?

MARIA DALSI: Eu acho que não, no caso do Augusto era o nome verdadeiro dele. Ele ficou preso com a gente em Linhares também, ele não era de Minas Gerais, me parece que ele era paraense, não sei.

ELI VIEIRA SALAZAR: Ah sim.

MARIA DALSI: Então ele não era de Minas Gerais. O que eu lembro do Augusto porque além dessa questão dele ter sido ferido e ter apanhado muito, ele era muito atrevido. Ele bateu na Polícia.

INTERLOCUTOR: Esse é dos nossos.

MARIA DALSI: É, deu pontapé, sabe? Ele era muito atrevido. O danado deu sorte, ele saiu vivo. Não sei como é que ele tá hoje, mas ele saiu vivo.

ELI VIEIRA SALAZAR: Você que falou também da Eliene. Que era dirigente do PC do B. ela foi, sabe se ela foi...

MARIA DALSI: Eliene?

ELI VIEIRA SALAZAR: Eliene?

INTERLOCUTOR: Não, ela falou da ALN, era o grupo ALN.

MARIA DALSI: Da ALN isso, Aliança Libertadora Nacional, Marighella.

ELI VIEIRA SALAZAR: Ah, ALN. Ah tá.

MARIA DALSI: É, Carlos Marighella.

ELI VIEIRA SALAZAR: Entendi Eliene, perdão.

MARIA DALSI: Né? E era ALN.

ELI VIEIRA SALAZAR: E também fez referência a um rapaz que foi muito torturado, você deu o nome dele de Ilton.

MARIA DALSI: Eu acho que...

ELI VIEIRA SALAZAR: Não seria Ermiton não?

MARIA DALSI: Não, pela minha lembrança é Ilton mesmo.

ELI VIEIRA SALAZAR: É Ilton mesmo?

MARIA DALSI: Eu lembro dele que ele era clarinho, clarinho, cabelo escuro.

ELI VIEIRA SALAZAR: Cê sabe o sobrenome?

MARIA DALSI: Não também não. A gente não conseguia ter esse tipo de acesso.

ELI VIEIRA SALAZAR: Da (trecho incompreensível) veio o nome de Ana Lúcia.

MARIA DALSI: Ana Lúcia, Sávio.

ELI VIEIRA SALAZAR: A Ana Lúcia cê sabe o sobrenome dela? Ou lembra?

MARIA DALSI: Ana Lúcia Xavier era sobrinha do Chico Xavier. De Sabará.

ELI VIEIRA SALAZAR: Ah, sobrinha do...

MARIA DALSI: É. E ela era casada com Sávio que trabalhou, trabalhou muito tempo da Assembleia Legislativa.

ELI VIEIRA SALAZAR: Ah tá, tá, o Sávio, Sávio que era, né? Você cita o, porque você fez referência na sua declaração junto ao CONED, você fala da denúncia ao Del Meneses e o Dolabela. Você falou até que ia fazer a referência a eles, e eu gostaria que você...

MARIA DALSI: É esse é um caso que merece. Na verdade o seguinte, eu já era militante, né, da AMDA e no Governo Eduardo Azeredo fui nomeada, era Secretária Estadual de Tecnologia e Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Não era separado não. E nomearam um deputado chamado Luiz Lobo.

ELI VIEIRA SALAZAR: Não seria Mauro?

MARIA DALSI: Mauro Lobo? Era de Caratinga. Alguma coisa Lobo. E um dia eu cheguei lá na Secretaria, era lá na Prudente de Moraes e o chefe de gabinete dele me chamou lá, me cumprimentou e tudo, tranquilo. Nossa, até fico com raiva disso. Aí um dia depois eu fui ver uma questão, uma mineração vaga... mal feita que tinha aqui na Serra da Moeda junto com o Renato Quintino que era um cara também que trabalhava na área de meio ambiente. E num determinado momento, ele tava numa caminhonete 4x4 dele, o carrinho tava descendo ali a Serra da Moeda em direção a Piedade do Paraopeba, nunca esqueço disso. Aí o Renato falou assim: "Oh, Dalsi", ele sabia da minha história, "Você sabe que tão falando aí que o chefe de gabinete do secretário

Luiz Lobo, Mauro Lobo não sei, era torturador?”. Gente, quase que eu pulei do carro. Sabe quando? mas bateu na hora. Rodrigo Dolabela. Gente, ele era o chefe de gabinete. Aí eu fiquei tão, eu mal, eu fiquei tão chocada que eu quase que eu vim correndo de volta a pé, sabe? Fui direto, telefonei pra Flávio. Nós procuramos o, como é que era a família real? Na época do Eduardo Azeredo? A turma aí, Amilcar Viana. Procurei o Amilcar Viana Filho que pela brincadeira se mostrou extremamente solícito e solidário, fomos direto ao Governador, acho que não demorou dois dias ele foi exonerado, sabe?

INTERLOCUTOR: Pois é, por isso que a falta de emprego no Brasil (trecho incompreensível).

ELI VIEIRA SALAZAR: Essa, essa, essa...

INTERLOCUTOR: Desse eu não lembro não.

MARIA DALSI: Do Rodrigo Dolabela?

INTERLOCUTOR: É.

MARIA DALSI: Eu nunca esqueço dele.

INTERLOCUTOR: É (trecho incompreensível) era famoso, né?

MARIA DALSI: Ele ficou a noite inteira comigo, né? Cara altão, todo eles, geralmente é bem.

INTERLOCUTOR: É, eles eram fortões, é.

MARIA DALSI: É, deve ser, devia ser pra esconder a paranoia lá dentro. Aí ele foi exonerado. Depois a minha cunhada que tinha o contato com, que ligou os fatos. Conhecia a mulher dele, a mulher dele não sabia. Parece que a vida dele acabou, ele foi pra São Paulo, sumiu. A mulher largou. Sabe?

INTERLOCUTOR: Arrumou outra lá.

MARIA DALSI: Uhn?

INTERLOCUTOR: Arrumou outra lá.

MARIA DALSI: Deve, no mínimo, sabe? Pode ter certeza. Também as pessoas às vezes não sabe, né? Os psicopatas eles aparentemente são normais, sedutores.

INTERLOCUTOR: Eles não se apresentam falando: “Eu sou um psicopata”.

MARIA DALSI: É exatamente. Ele não ia falar que era um psicopata doido, né, e cruel.

ELI VIEIRA SALAZAR: Você se recorda quem, qual foi a equipe, né, de, “equipe” entre aspas, que a levou pro Rio de Janeiro, que prendeu e depois a conduziu até o Rio de Janeiro?

MARIA DALSI: Não. Não, não recordo.

ELI VIEIRA SALAZAR: O nome?

MARIA DALSI: Uma coisa que eu lembro, sabe, a nossa, a fragilidade ainda, né, que era a questão de direitos humanos no Brasil. Uma vez eu estava na Assembleia por algum motivo na época do Governo Newton Cardoso, que também não é de se surpreender. E o Marcelo Pacheco de Araújo chegou, sentou na sala como se ele fosse uma pessoa normal. Ficou lá, como se ele fosse uma pessoa normal. E ninguém fez nada. Todo mundo sabia quem ele era. Claro, eu me levantei e fui embora, não tinha nem ambiente pra fazer alguma coisa. Talvez hoje eu fizesse. Naquela época eu não tinha coragem. Transitando livremente, mas felizmente ele morreu acho que na pior.

ELI VIEIRA SALAZAR: É, esse quando você cita Jussara, você sabe, você lembra o sobrenome dela?

MARIA DALSI: Não, não me lembro do nome da Jussara. Você lembra? Não?

ELI VIEIRA SALAZAR: Seria Jussara Martins?

MARIA DALSI: Não me lembro.

ELI VIEIRA SALAZAR: Seria Jussara Martins?

MARIA DALSI: Não sei.

ELI VIEIRA SALAZAR: Não?

MARIA DALSI: Só seu que ela era...

ELI VIEIRA SALAZAR: Que tem uma Jussara no livro, no BNN uma publicação, que teve do BNN tem, eu já pesquisei. Jussara me ocorreu agora que com tantos nomes.

INTERLOCUTOR: Vê de onde que é se tem algum dado.

ELI VIEIRA SALAZAR: É. E aí pelo Espírito Santo.

MARIA DALSI: Eu só sei que ela era do Espírito Santo, é.

ELI VIEIRA SALAZAR: É Jussara, Jussara Martins. E outra questão é, que eu queria pedir, já é uma referência lá pra subcomissão que trata do 477, as pessoas que foram.

MARIA DALSI: Expulsas pelo 477.

ELI VIEIRA SALAZAR: Expulsas, processadas, né?

MARIA DALSI: Uhum.

ELI VIEIRA SALAZAR: Aí na sua declaração, junto ao CONED, você faz referência ao nome, cita o nome de Wilson Melo? É Wilson Melo?

MARIA DALSI: Era diretor.

ELI VIEIRA SALAZAR: Ele era o diretor de qual?

MARIA DALSI: Da Faculdade de Direito.

ELI VIEIRA SALAZAR: Da Faculdade de Direito?

MARIA DALSI: É. É. Ele era o diretor da Faculdade de Direito. Ele implicava até com a roupa vermelha se o pessoal ia. A sua ideologia se conhece pela cor da sua camisa seu comunista. Falava assim com os alunos dentro de sala. E ele era diretor e diretor policial mesmo. Tomou a área do diretório acadêmico, do CAAP, sabe? Ensino Acadêmico Afonso Pena e quando eu fui presa, ele era o diretor.

ELI VIEIRA SALAZAR: E se lembra que ano que foi isso?

MARIA DALSI: Foi 71, né?

INTERLOCUTOR: 71.

ELI VIEIRA SALAZAR: 71?

MARIA DALSI: É eu não sei quando que ele, quando ele ficou, até quando ele ficou.

ELI VIEIRA SALAZAR: Foi tão logo depois que você foi presa, ele tratou de abrir um processo e te expulsar?

MARIA DALSI: Ah sim. Com agilidade de fazer inveja hoje à justiça brasileira.

ELI VIEIRA SALAZAR: Você tem alguma referência a mais desse processo administrativo?

MARIA DALSI: A única coisa que eu me lembro é que eles mandaram alguém ir lá no DOPS conversar comigo, não sei pra quê, porque já tava tomada a decisão. Nem lembro quem, foi um outro professor que foi lá, não me lembro quem.

ELI VIEIRA SALAZAR: É, entre, como sequelas, você fala que você todas as noites sonhava que estava sendo presa. Ainda hoje você ainda sonha?

MARIA DALSI: Não. Felizmente não, ainda bem. Depois de quase quatro décadas, mas no início era bem, era bem difícil.

ELI VIEIRA SALAZAR: Você falou também desse ano em que teve a invasão da AMDA?

MARIA DALSI: Sim.

ELI VIEIRA SALAZAR: Associação Mineira Defesa do Ambiente. Você lembra do ano?

MARIA DALSI: Eu tenho quase certeza que foi em mais ou menos 1980 ou 81. Que a nossa sede era na Rua da Bahia, 916. Lembro direitinho. Que a salinha das Bandeirantes, que ainda existia, e elas emprestaram a salinha pra gente. Sabe? Ali, logo abaixo atrás do viaduto ali, do Viaduto Itambé.

ELI VIEIRA SALAZAR: Agora eu queria deixar em aberto (trecho incompreensível) eu pediria às pessoas que fossem fazer as perguntas, que se falasse o nome antes pra na hora que for feita a transcrição pra as pessoas facilitasse pras pessoas.

MARIA DALSI: Claro.

INTERLOCUTOR: Pode fazer, depois eu faço.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Bom dia, Maria Dalsi. Meu nome é Lorena Marcone de Freitas, eu sou doutoranda na Faculdade de Direito da UFMG, que hoje é Faculdade de Direito e Ciências do Estado. Então antes de mais nada eu quero dizer que eu lamento muito você ter esse processo de desligamento da faculdade e essa experiência.

MARIA DALSI: Pois é, eu também, Lorena.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Que cê falou de vergonha, porque pra gente é muito, é muito orgulho, poder pensar na faculdade como um órgão de resistência.

MARIA DALSI: Uhum, e foi. Faculdade de Direito foi um dos grandes núcleos de resistência da ditadura militar. Você chegou a conhecer o Professor Ariosvaldo Campos Pires?

LORENA MARCONE DE FREITAS: Oi?

MARIA DALSI: O Professor Ariosvaldo Campos Pires? Você chegou a conhecer?

LORENA MARCONE DE FREITAS: Não, não.

MARIA DALSI: Depois até mudou, mas na época o Ariosvaldo Campos Pires e Alfredo Baracha eram eles enfrentavam a Polícia. A Polícia tentava entrar da faculdade, ele passava na porta e só se passar por cima. Nossa, era o nosso refúgio.

LORENA MARCONE DE FREITAS: É, é o que a gente ainda tenta manter a faculdade, na verdade. A gente ainda continua enfrentando muitas dificuldades com a diretoria. Mas enfim, a primeira pergunta que eu queria te falar, como nós da Subcomissão II, nosso tema principal, nosso foco de pesquisa principal é o caso da tortura, na produção do relatório a gente tá tentando trazer um pouco como essa doutrina chegou no Brasil. Como essa prática ela se tornou uma política de Estado, como que ela foi institucionalizada. E repare você descreveu quando você foi pra o Rio de Janeiro, num espaço, você descreveu a mudança de clima né?

MARIA DALSI: Era uma salinha fechada. Eles ficavam vendo a gente lá de fora.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Isso.

MARIA DALSI: Você não os via.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Isso na teoria da prática de tortura, né? Por não saber, a produção de saber sobre a tortura, e isso tem uma origem na escola inglesa, que eles chamam de tortura limpa.

MARIA DALSI: Ah é?

LORENA MARCONE DE FREITAS: É. E é a primeira vez que eu escuto falar desse caso no Brasil, eles consideram tortura limpa porque é exatamente produzir um ambiente de... a tortura era praticada a partir de uma interferência no ambiente. Então era como você falou, uma diferença climática ou privação de sono por produção de barulhos constantes ou então isolar a pessoa num lugar completamente escuro ou sem luz, em um lugar completamente branco. Essa foi uma, e nas nossas pesquisas eu tomei conhecimento desse tipo, esse desenvolvimento, né, esse refinamento assim na prática da tortura, mas eu não tinha ficado sabendo ainda dessa implantação no Brasil, foi o primeiro, o seu depoimento foi o primeiro caso. Eu quero saber se você conhece mais alguém que descreveu isso em Minas Gerais teve...

MARIA DALSI: Não, em Minas Gerais não tinha.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Você?

MARIA DALSI: Não, aqui a estrutura não era tão refinada. Era uma coisa mais tosca. Aliás, se me permite falar outra coisa que eu lembrei, pode?

LORENA MARCONE DE FREITAS: Claro.

MARIA DALSI: Esse episódio da prisão no Rio, uma coisa que eu lembro também.

MARIA DALSI: Quando chegou no Rio, eu não me lembro onde, eles me passaram pra, acredito que o pessoal do exército, ia num fusquinha. Então tinha dois na frente, eu no meio e dois atrás. Me botaram um capuz imundo, aí não sei se eles começaram a rodar ou estavam indo pra perto do Rio, um falava assim: “Você acha que ela vai dar um presunto bonito? Eu acho. O quê que você acha? Onde será que a gente vai jogar?”. O tempo inteirinho eles falando: “Acho que ela vai dar um presunto...”

ENTREVISTADOR: Ameaças, né?

MARIA DALSI: E outra coisa que eu acho, quando, os policiais de Minas que me levaram, quando me entregaram, eles falaram assim: “Olha, ela está detida.”, eles insistiram nisso, sabe, Mili, como se dissesse assim: “Ela não está presa, não mata não.” Sabe?

ENTREVISTADOR: Nós precisamos dela de volta.

MARIA DALSI: É. Ela está detida. “Ela está detida.” Eles falavam o tempo todo assim. Aí quando chegou lá na PE, eles me botaram num macacão cheio de sangue gente, sabe? Imundo, sabe? Cheio de sangue de outros infelizes. E aí me levaram pra essa sala, como você falou. De tortura ambiental, ambiental não, de...

LORENA MARCONE DE FREITAS: Tortura limpa.

MARIA DALSI: Tortura limpa é limpinha geralmente.

LORENA MARCONE DE FREITAS: É. A ideia é que o agente de estado ele não tenha esse contato direto com a vítima.

MARIA DALSI: Não. Eu sabia que eles estavam do lado de fora me olhando.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Sim.

MARIA DALSI: Eu tinha certeza, mas eu não via nada.

INTERLOCUTOR: Eles não deixam marca.

MARIA DALSI: Tinha um painel assim, eu lembro de ter um painel assim. Era uma sala pequena, devia dar o quê? Muito menos do que assim, essa área aqui assim, ela era assim, ó, painel era meio, meio curva assim. Aí foram horas e horas, horas nessa (trecho incompreensível).

LORENA MARCONE DE FREITAS: É, a outra pergunta que eu tinha na verdade é mais pra, talvez se você puder falar um pouco mais sobre isso, um conceito, uma confirmação. A gente tá tentando rastrear mais ou menos como que, em que momento assim que a prática da tortura ela foi, o público em geral, de fato teve conhecimento, né, dessa, essa política de Estado. E nós temos a Carta de Linhares de 1969, que é quando tem essa denúncia mais, quando rompa a redoma de vidro, né? Acerca da tortura. Mas você foi presa em 1971 e você disse que vocês estudantes não tinham assim esse conhecimento, não tinha essa consciência do quê que acontecia, as implicações que ia ter.

MARIA DALSI: Não. A gente não imaginava o quê que era cadeia. Exatamente.

LORENA MARCONE DE FREITAS: Então não era uma coisa ainda assim generalizada? Vocês não tinham consciência dos riscos?

MARIA DALSI: Não. Essa questão que cê falou eu acho interessante que até hoje, não sei se a Emily tem esse tipo de experiência, muita gente não acredita que, não acreditava que ouvisse no país.

INTERLOCUTOR: Muita gente não sabe o quê que foi a ditadura.

MARIA DALSI: É esse prêmio Bom Exemplo agora que eu ganhei da Rede Globo que é essa questão que foi introduzida no início da matéria, as pessoas dizem: “Mas isso é a verdade? Isso aconteceu?”, falo: “Gente, mas é claro que aconteceu, não foi só comigo não, era no país inteiro.” Sabe? Eu acho que a não ser quando a imprensa insiste, insiste, as pessoas não têm conhecimento não. Impressionante que as pessoas, muita gente não acredita, talvez por isso que esses idiotas ficam falando em voltar os militares.

INTERLOCUTOR: Por isso nós continuamos denunciando, toda oportunidade que temos do testemunho.

MARIA DALSI: Tá doido, nossa, meu Deus. Eu não gosto nem de pensar. Como diz o outro, isola.

INTERLOCUTOR: Um vereador aí um dia chegou perto de mim assim: “Dá licença.” Pediu licença e pôs a mão assim: “Eu nunca tinha pegado em uma pessoa que foi torturada”.

ALEXANDRE SALES: Eu vou interromper aqui. Oi, tudo bem? Oh, tudo bom? Oh, Dalsi, querida, cê está boa. Eu falei em você outro dia.

MARIA DALSI: Falou bem, né?

ALEXANDRE SALES: Eu sou coordenador do laboratório de TV aqui da Fumec, (trecho incompreensível) aqui, e aí a Marina Behring trabalha com isso. Foi minha aluna pô, ela veio aqui dar uma palestra. Você trabalha aonde, minha, filha? Com a, na AMDA. Por que cê conhece então de 30 anos, Alexandre Sales, tá boa, queria? Fiquei 30 anos da FEAM, claro que eu conheço. Ela falou: “Ah, porque eu tô com a Dalsi lá.”

MARIA DALSI: Então.

ALEXANDRE SALES: Desculpe eu interromper viu, gente?

MARIA DALSI: Então, tem que fazer, até levantou-se a possibilidade de fazer umas parcerias.

ALEXANDRE SALES: Ah é? Ué, tudo bem.

MARIA DALSI: Tá? Prazer em ter ver, cê tá ótimo, hein, Alexandre?

ALEXANDRE SALES: Desculpe interromper aqui viu, gente, essa é a comissão da verdade, né? Ok. Então aí, edita. Tudo bom Alex, estou esperando aquele negócio (trecho incompreensível). Esse aqui eu conheço há uns 50 anos, colega Colégio Estadual Central. Músico. Dalsi, (trecho incompreensível) tá bom.

MARIA DALSI: Músico? É?

ALEXANDRE SALES: Músico, cantor, de primeira qualidade. José Cláudio tá bom?

MARIA DALSI: Tá, tá.

ALEXANDRE SALES: Eliane também? Eu não vejo ninguém mais, José Cláudio saiu daqui, tá só na Dom Helder Câmara, não é?

MARIA DALSI: Só na Dom Helder, é. Mudou mesmo jeito, muito engraçado ele e a Lourdes do mesmo jeito, aquela mesma.

ALEXANDRE SALES: Então tá.

INTERLOCUTOR: É, vamos voltar. Agora ela vai fazer.

MARIA DALSI: Tá.

ALEXANDRE SALES: Pode voltar aí que aqui eu já falei com, quem me pediu foi aquela professora, como é que chama? Aquela menina de olho claro foi até um ano, dois anos que nós recebemos um estudo que precisa fazer aí, os depoimentos. Depois a gente vai editar direitinho aí. Falou um abraço procês, bom trabalho.

MARIA DALSI: Valeu te ver Alexandre, tchau.

ALEXANDRE SALES: Dona Dalsi, um abraço procê, viu?

MARIA DALSI: Procê também.

FLORÊNCIA: Bom dia, Dona Dalsi. Meu nome é Florência, eu sou aluna de graduação de Ciências Sociais na UFMG. Eu tô como bolsista de administração científica. A minha pergunta é porque parte da nossa pesquisa, eu tô tentando levantar dentro da pesquisa, a parte de como a tortura e a violência do Estado de Minas Gerais tinha também permeada por uma lógica de violência de gênero muito forte. Eu queria se você puder comentar, se você acha que pra você o fato de ser mulher, inferior em alguma coisa na sua experiência, nesse período, nessa tragédia que foi a tortura no geral.

MARIA DALSI: Olha, assim, eu não sei porque assim, eu nunca vi por exemplo, a relação dos torturadores, por exemplo, com os rapazes que eram presos, né? Acredito que eu não sei se eles chamavam, por exemplo, os rapazes de prostitutas, né? Provavelmente não chamavam, chamavam era a gente de prostituta, né? Prostituta, vagabunda, vadia, que é nomeações, nominações muito ligadas à cultura machista, né? No Brasil e no mundo. E aqui em Minas não, eu não sei de nenhum caso. Mas assim, no Rio e São Paulo estupro era comum. Aqui em Minas eu não sei nenhum caso de violência sexual contra as presas políticas. Aliás, o que eu tinha pavor de pensar, pavor. Então assim, o que eu acho que ficou substanciado era nesse sentido, sabe?

FLORÊNCIA: Você nunca ouviu casos de violência sexual em Minas?

MARIA DALSI: Nunca fiquei sabendo de um caso, enquanto as presas políticas. Eu nunca ouvi. Não sei, sei de caso de choques nos mamilos, caso de choque, agora violência sexual explícita.

INTERLOCUTOR: E é violência sexual.

FLORÊNCIA: É sim, mas.

MARIA DALSI: Ahn?

INTERLOCUTOR: É violência.

MARIA DALSI: É, não, nesse sentido é, então é. Mas assim, violência sexual com estupro essas coisas, eu não, eu nunca ouvi relato. Nos tempos que eu estive na cadeia, os tempos que a gente tinha conhecimento. Agora, agora na, eu também esqueci de falar, eu estive presa aqui no Presídio de Santa Tereza, é Santa Tereza?

INTERLOCUTOR: Estevão Pinto.

MARIA DALSI: Estevão Pinto. Estevão Pinto.

INTERLOCUTOR: É isso que eu ia te perguntar.

MARIA DALSI: Eu tive um tempo lá. Gente, por isso que eu falo o seguinte, que apesar de toda a tragédia que realmente foi esse episódio da minha vida e tantos outros jovens no país, e às vezes nem tão jovens também, muita gente mais velha também sofreu na mão dos militares, foi morto. Ter contato com a realidade, com a dura realidade dos presos comuns, foi uma lição realmente que me, acho que me preparou mais pra vida sabe? Porque por mais que ocê tivesse infeliz, eu lembro que na Penitenciária de Estevão Pinto, né, que tinha as presas comuns, nossa, mas que ambiente mais triste, sabe? O diretor era corrupto, sabe? Eu lembro que assim, o Estado gastava dinheiro pra comprar comida e ele servia arroz, feijão e abóbora pras presas porque o resto ele roubava sabe? Todo mundo falava nisso, sabe? É o Cavalieri, parece, negócio assim.

INTERLOCUTOR: Doutor Edson Cavalieri.

MARIA DALSI: Era isso mesmo, sabe? E assim, e eu lembro os casos, né? Das tristezas, dos inúmeros relatos, das infelicidades. Tem um caso da Nilza, Senhora Nelzi que me marcou a vida toda. Ela, só ficavam as presas políticas eu e Vera. Vera Lígia Lucida e a gente ficava na área de solitária, isolada das demais presas. A área solitária era um corredor estreitinho, com celas com a porta toda...

INTERLOCUTOR: Lá no 1º andar, em cima?

MARIA DALSI: É só tinha um burquinho na tela. Tinha um banco, um banco na parede. Um banco menor, um colchão jogado em cima. O colchão era muito maior do que o banco era ali que a gente dormia. Em alguns casos eles mês falam, que ali também isso faz parte da história, claro, porque lá era prisão. Essa Neusa, um dia ela chegou lá, ela tinha 17 anos também. E ela foi criada nas favelas do Rio, uma pessoa totalmente desestruturada, e ela tava, ela quem nos contou, ela quem me contou isso. Ela tava vindo pra Belo Horizonte e em Juiz de Fora eles pegaram carona com um oficial do exército. E os dois totalmente drogados no meio do caminho, mataram o oficial. E ela foi pega pela Polícia. Ela falou o seguinte, que ela só se lembra quando

ela acordou de manhã amarrada em uma árvore no meio do mato, e o cara que tava com ela, nunca mais ela viu. E aí eu lembro que ela ficava falando assim: “Ah, eu tenho que roubar mesmo, porque eu quero aquelas coisas bonita que a televisão mostra.”, sabe? Eu ficava, (trecho incompreensível), com a miséria humana, sabe? Tinha uma outra, gente, esse também vocês não acreditam nesse caso. Ela chamava Sueli ou chama, chamava provavelmente, porque a expectativa de vida desse povo deve muito curta. Ela era prostituta e um dia ela estava, ela tava ela e a amiga dela e a amiga dela tava com chato. Chato é um piolho que era muito comum nas áreas região genital e aí ela totalmente drogada, resolveram acabar com o chato, aí ela colocou vaselina e botou fogo. Era a miséria humana, sabe? Assim, aquilo ali, porão era aquilo, o resto era brincadeira, sabe? Fora o caso de homossexualismo, histórias trágicas, sabe? Então assim, realmente assim, aquela, não e, eu nunca fui medrosa assim, de bicho eu nunca fui medrosa. Então eles não deixavam nada, não deixavam uma lanterna com a gente, fazia parte do terrorismo, apagar as noites. Podia acontecer o que fosse, a penitenciária é um monstro. Então assim, podia acontecer o que fosse, que não adiantava você chamar. E assim, e eu lembro que uma noite eu tinha uma lanterninha, uma lanterninha pequenininha assim que eles deixaram comigo, daquelas de tampinha assim. Eu escutei barulho, aí eu acendi a lanterninha. Gente tinha tanta barata, tanta barata que se cê botasse o pé, cê não tinha lugar pra botar o pé. Inclusive muitas perto da minha cara, foi assim. Mas eu nunca tive medo, sabe? Agora a Vera, a Vera tinha neura. Então uma noite, de repente eu acordo, a Vera tem uma crise histérica, porque as baratas, elas gostam, elas muito gostavam de mexer no ouvido dela e ela gritava, ela gritava. Eu fiquei louca. Aí eu peguei o negócio e comecei a bater na parede, comecei a bater e gritar. Depois de uma meia hora apareceu alguém pra acender a luz, que a Vera tava toda (trecho incompreensível), uma crise histérica gente, daquelas que cê tem que pegar e aplicar um sedativo de uma vez só. Coitada de tanto pavor por causa das baratas.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível).

MARIA DALSI: É. E é o seguinte, eles forneciam meia hora de banho de sol por dia. Só que o seguinte, só podia ir um de cada vez. Aí eu mais a Vera falou: “Não, nós queremos ir junto.” Aí eles não deixavam a gente também não ia no banho de sol. Fazia birra, fazia manha, fazia resistência contra isso. Mas pode continuar sua pergunta.

ENTREVISTADOR: Eu quero fazer algumas só. Você falou que veio do interior, né, pra cá. Em que ano que você veio e de onde?

MARIA DALSI: Eu vim, eu morava em Manhuaçu na época.

ENTREVISTADOR: Manhuaçu.

MARIA DALSI: Não, eu não sou de lá não, na verdade eu sou do Espírito Santo, da Serra do Caparaó. Mas eu morava na época.

ENTREVISTADORA: Certo.

MARIA DALSI: E lá foi que explodiu a famosa Guerrilha do Caparaó. Meu pai foi preso. Eu sei que tem uma história pregressa na família.

ENTREVISTADORA: É de família, não é?

MARIA DALSI: É. Eu sempre fui, eu desde que...

ENTREVISTADORA: Em que ano que você veio?

MARIA DALSI: Eu vim pra cá tenho quase certeza em 68.

ENTREVISTADORA: 68 né?

MARIA DALSI: É.

ENTREVISTADORA: Tá. E outra coisa, você pertencia a algum grupo quando você foi presa?

MARIA DALSI: Não, não, eu estava, eu conversava com o pessoal do PC do B, inclusive o Dela Monica, que era do PC do B.

ENTREVISTADORA: Sei. Quer dizer, você foi no IPM como se fosse do PC do B né?

MARIA DALSI: Eles me acusaram de pertencer ao PC do B.

ENTREVISTADORA: Mas você não foi de grupo nenhum?

MARIA DALSI: Não. Não. É assim, eu estava a caminho, sabe, Mili? Se a prisão não tivesse me interrompido.

ENTREVISTADORA: Era simpatizante.

MARIA DALSI: É, é. Exatamente.

ENTREVISTADORA: Linha auxiliar.

MARIA DALSI: Exatamente, simpatizante.

ENTREVISTADOR: Tá, você foi pra Linhares também, né?

MARIA DALSI: Diversas vezes.

ENTREVISTADOR: Você quando que você foi, quanto tempo você ficou em Linhares?

MARIA DALSI: Ah, como diz, não faz pergunta difícil não. Eu não me lembro, realmente foram tantas vezes. Nesse um ano e catorze meses, acho que tinha vez

que eu ficava mais de mês, tinha mês que eu ficava alguns dias. Era um leva e traz o tempo todo. Por causa dos novos depoimentos que tinha, não me lembro exatamente.

ENTREVISTADOR: Sim, e no DOPS, quanto tempo você ficou no DOPS?

MARIA DALSI: Olha, antes de eu ser levada pra Linhares, a primeira vez eu fiquei uns 02 meses. Depois eu fui pra a Penitenciária Estevão Pinto, de lá eu fui pra Linhares. Olha no total eu devo ter ficado dentro desses 14 meses, pelo menos uns 04 meses no DOPS.

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA DALSI: Então a maior parte eu fiquei foi em Linhares.

ENTREVISTADORA: O seu julgamento foi em que ano?

MARIA DALSI: Não me lembro.

ENTREVISTADOR: Não?

MARIA DALSI: Mas aqui, eu já estava solta né? Eu saí em junho de 72. Eu acredito que tenha sido em 70...

ENTREVISTADOR: Em junho de 72?

MARIA DALSI: Que eu saí. É, início, final de junho. Então eu acredito que tenha sido em 73 ou 74 no máximo.

ENTREVISTADOR: Sei.

MARIA DALSI: E foi lá em Juiz de Fora.

ENTREVISTADOR: Em Juiz de Fora?

MARIA DALSI: É.

ENTREVISTADOR: (trecho incompreensível).

MARIA DALSI: É. Que o exército ficava lá, né?

ENTREVISTADOR: Tá bom. Não, pra mim basta, tá ótimo.

INTERLOCUTOR: Como era o nome do seu pai?

MARIA DALSI: Enes Ricas.

INTERLOCUTOR: Enes?

MARIA DALSI: É.

INTERLOCUTOR: Ele foi preso, né? No período...

MARIA DALSI: Guerrilha do Caparaó.

INTERLOCUTOR: Ele participou da...?

MARIA DALSI: Cê sabe que é uma incógnita, não sei se ele tinha como assim, já tinha uma, porque quando a Redentora, a revolução que explodiu, a gente morava em Lajinha. E o papai, o papai era, eu não sei como é que ele conseguia, ele era

Brizolista, comunista, prestista, não sei como que ele, e getulista. E era difícil entender, mas ele era isso tudo.

ENTREVISTADOR: Ele queria era estar.

MARIA DALSI: É, era o grupo dos 11, desde Jerônimo Monteiro, a gente morava no Espírito Santo.

ENTREVISTADOR: Então ele era um dos 11.

MARIA DALSI: E provavelmente os órgãos de segurança monitoravam. Aí, eu acho que quando era em Manhuaçu ele não tinha nada a ver não. Mas como já tinha uma história pregressa, ele foi preso, ficou durante uns 07 dias na mão da Polícia, também nunca contou pra gente se aconteceu alguma coisa. Foi preso em Manhuaçu ele era fiscal do Estado. Acho que também o pessoal era muito solidário, o pessoal pressionou também. Mas quando a Redentora explodiu, eu, o promotor da cidade era o Ronald Pichara Cid. Depois foi assassinado porque ele era um safado. Ele ia me seguir no colégio de manhã, aí ele falou assim: “Os militares salvaram o Brasil, depuseram o Jango, porque ele rasgou a Constituição.” Aí vem eles assim: “Professor, quem rasgou a Constituição foram os militares.” “Menina, você devia ser morta agora porque você será subversiva no futuro desde país.”

ENTREVISTADOR: Olha, ele já estava prevendo.

MARIA DALSI: Acabou comigo. Acabou comigo. Depois de alguns anos, ele foi assassinado em Caratinga porque ele era um safado, sabe? É, mas então...

ENTREVISTADOR: Alguém tem mais alguma pergunta? Cê tem mais alguma coisa que você queria acrescentar?

MARIA DALSI: Mas já falei tanto, eu não sei se eu tô esquecendo alguma coisa, mas eu acho que, acho que já, deve dar para dar alguma informação pra ajudar aí na composição dos depoimentos.

ENTREVISTADOR: O principal é o que vem à sua cabeça.

MARIA DALSI: Ahn?

ENTREVISTADOR: Os fatos principais vieram.

MARIA DALSI: Pois é Mili, muito o tempo, não é? A gente não escreveu, então eu não.

ENTREVISTADOR: Olha, nós agradecemos muito a sua presença. A sua contribuição. Você contribuiu muito para a comissão da verdade, viu? Para o nosso trabalho. Fica aqui o agradecimento de toda a comissão da sua presença, o seu tempo e da sua memória.

MARIA DALSI: Não, eu agradeço e fico honrada em poder dar a minha contribuição e super feliz em te ver de novo.

ENTREVISTADORA: Tá. Precisando voltaremos a aborrecê-la, tá? Muito obrigada.

INTERLOCUTOR: Eu gostaria só de registrar que tá terminando, o depoimento tá terminando às 11 horas e 37 do dia 16 de maio do ano de 2017, aqui no estúdio da Faculdade FUMEC, da FUMEC.

MARIA DALSI: Esse livro que você falou da Judite Malina, como é que acha ele?

INTERLOCUTOR: Ah, eu vou te emprestar, pode?

MARIA DALSI: Pode, claro, deve.

INTERLOCUTOR: Eu vou falar (trecho incompreensível) eu tenho esse livro.

MARIA DALSI: Lorena?

LORENA: Pois não?

MARIA DALSI: Lorena, lá na faculdade tem alguma memória desses tempos?

LORENA: Eu posso olhar Maria Dalsi. Nós temos um quadro com alguns nomes, né? Que passaram lá perto do Centro Acadêmico. Eu não sei se são exatamente da resistência ou se foram pessoas que entraram pra história.

MARIA DALSI: Entendi.

LORENA: Eu tenho que ver isso.

MARIA DALSI: É lá acho que tem uma coisa legal que fazer, registrar isso, né? Registrar porque a gente professores que tiveram um papel importante, a própria faculdade, alunos, né?

LORENA: Assim, eu só não tô falando isso com certeza. Eu tenho quase certeza que é esse memorial entendeu? Esse quadro com o nome dos alunos e professores.

MARIA DALSI: Não, eu, o Anastasia, o Patrus.

LORENA: Que foi no período da ditadura, mas eu não posso tirar com certeza.

MARIA DALSI: (trecho incompreensível) fez uma homenagem no CAAP. Há alguns anos, e a faculdade já tava na Praça Afonso Arinos.

LORENA: É lá.

MARIA DALSI: Ainda é lá?

LORENA: Ela nunca vai sair de lá.

MARIA DALSI: Tomara que não. Ah, cê sabe que eu na anistia, eu ganhei o direito de me matricular em qualquer universidade pública do país pra terminar o curso de direito se eu quisesse.

LORENA: Ah que bom.



MARIA DALSI: Foi determinação do Ministério da Justiça, sabe? Cê sabe, pra quê hoje?

INTERLOCUTOR: A senhora quer sentar?

MARIA DALSI: Não. Hoje (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Obrigado viu?

INTERLOCUTOR: Nada.